

EMILY DICKINSON E LUIZA NETO JORGE:
QUANTAS FACES?

Título: Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas Faces?

Autoras: Marinela Freitas, Ana Luísa Amaral e Rosa Maria Martelo

Edição: Edições Afrontamento, e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Concepção Gráfica: Dep. Gráfico / Edições Afrontamento, Lda.

N.º de edição: 1609

Colecção: Estudos da Literatura Comparada, 12

ISBN: 978-972-36-1386-5

Depósito Legal: 381666/14

Impressão e Acabamento: Rainho & Neves, Lda / S. Maria da Feira

artesgraficas@rainhoeneves.pt

1ª Edição / 2014

© Autora, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), 2014

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia –, no âmbito do projeto «PEST – OE/ELT/UI0500/2013».

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas Faces?

MARINELA FREITAS

prefácio

Ana Luísa Amaral e Rosa Maria Martelo

Índice

Agradecimentos	7
Prefácio: <i>Quantos Rostos, ou o Abismo da Possibilidade</i> por Ana Luísa Amaral e Rosa Maria Martelo	9
I. Uma Língua Nova	13
Introdução	15
II. Aproximações e Divergências	29
1. Emily Dickinson	31
1.1. Poemas Publicados em Vida: Dickinson, «Queen Recluse»	39
1.2. Publicação Póstuma: Dickinson, «Queen of the Quaint»	63
2. Luiza Neto Jorge.....	105
2.1. Poemas Publicados em Vida: Neto Jorge, uma «Voz Sitiada»	124
2.2. Publicação Póstuma: Neto Jorge, uma «Voz Insurrecta»	193
3. Aproximações e Divergências	199
III. Protocolos e Insubordinações	237
1. «Fracture within, is more critical»: Ruptura e Resistência.....	239
2. Poesia Armad(ilhad)a: Aveso e Reticência	263
3. «JE est une autre»: <i>Performances Sexuais</i>	319
4. «Acme a ser arte»: Crise e Identidade	337
IV. Faces da Modernidade	367
Conclusão	369
Bibliografias	381
1. Emily Dickinson	383
2. Luiza Neto Jorge.....	393
3. Bibliografia Geral.....	401

Índice Remissivo de Poemas e Cartas	419
Anexos	425
Anexo 1: Cronologia Editorial de Emily Dickinson: Poemas e Cartas	427
<i>Tabela 1.</i> Carta e Poemas de Emily Dickinson Publicados em Vida	429
Emily Dickinson: Publicação Póstuma	430
<i>Tabela 2.</i> Tradutores e Traduções de Emily Dickinson em Portugal	433
Anexo 2: Cronologia Artística de Luiza Neto Jorge: Poesia, Tradução, Cinema e Teatro	437
1. Livros de Poemas, Poemas e Textos Avulsos	439
2. Presença em Antologias (1961-1993)	440
3. Obras Traduzidas	441
4. Obras e Trechos Traduzidos e Adaptados para Teatro.....	446
5. Diálogos para Cinema.....	447
6. Índice de Autores Traduzidos e Respektivas Obras	450
<i>Tabela 1.</i> Colaboração no Teatro: Espectáculos, Companhias Teatrais e Encenadores ..	452
<i>Tabela 2.</i> Colaboração no Cinema: Filmes e Realizadores	453

Agradecimentos

Com um título diferente, o presente estudo é uma versão revista da dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Começo, por isso, por agradecer às instituições que tornaram possível este estudo: a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), por me ter concedido uma Bolsa de Doutoramento, e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), por ter subsidiado, juntamente com a FCT, a minha estada na Universidade de Brown, Providence, Rhode Island, como Investigadora Convidada.

Desejo agradecer também à Direcção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, na pessoa do Professor Doutor Gonçalo Vilas-Boas, por todo o apoio concedido e por ter tão empenhadamente viabilizado esta edição. À minha colega Lurdes Gonçalves, também uma palavra de agradecimento cúmplice.

Ao longo da realização deste estudo, foram várias as pessoas que gentilmente me auxiliaram, discutindo ideias e partilhando conhecimentos e materiais essenciais para a investigação levada a cabo. Gostaria, porém, deixar um agradecimento muito especial a Rita Taborda Duarte, pelo acesso à sua cópia do arquivo pessoal de Luiza Neto Jorge, cedido pelo filho da autora, Dinis Gomes.

Por último, os meus agradecimentos às Professoras Doutoradas Ana Luísa Amaral e Rosa Maria Martelo, da Universidade do Porto, responsáveis pela orientação científica deste estudo. Às duas deixo o meu mais sincero agradecimento pelo modo entusiasmado, e intelectualmente entusiasmante, com que fizeram esta tríade de cinco mulheres – nós e as duas poetisas – resultar. Mas, sobretudo, pela enorme generosidade com que me orientaram e por todas

as vezes que, com justeza, recentraram a minha atenção. Como diria Emily Dickinson, «Could I make you – proud – sometime – a great way off – ‘twould give me taller feet –».

Versões preliminares ou parcelares de algumas das secções deste estudo foram anteriormente publicadas em «‘The Acme of Form’: Crisis and Poetic Identity in Emily Dickinson and Luiza Neto Jorge», *Textos e Mundos em Deslocação: Cadernos de Literatura Comparada* 14/15. Tomo 2. Porto: Ed. Afrontamento, 2006. pp. 191-208; «Unshaded Shadows: Performances of Gender in Emily Dickinson and Luiza Neto Jorge», *Stories and Portraits of the Self*. Ed. Helena Carvalhão Buescu and João Ferreira Duarte. Amsterdam, New York: Rodopi, 2007. pp. 133-144; «Os Eus Impessoais em Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Modernidades em Modo *Queer*», *Modernismos Revisitados – 1912-2012: Cadernos de Literatura Comparada* 28 (www.ilcml.com), 2013, pp. 167-179.

Prefácio

Quantos Rostos, ou o Abismo da Possibilidade

Este livro de Marinela Freitas apresenta um título ligeiramente diferente do escolhido para o que lhe foi génese: uma dissertação de doutoramento apresentada e defendida na Faculdade de Letras do Porto, em 2010. O título inicial, *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Duas faces da Modernidade*, é aqui substituído para um outro, que lhe está próximo mas que abre desde logo caminho para o tão conhecido e importante conceito dickinsoniano de possibilidade: *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas faces?*

Não já «duas faces», mas a sua pluralidade. Interrogada. Poderíamos, tomando essa interrogação como ponto de partida, começar este breve prefácio com uma outra questão: como cruzar em estudo, o mesmo é dizer como comparar, uma poeta norte-americana de meados do século XIX, inscrita, cronologicamente, entre o romantismo e o período vitoriano, cuja vida sempre se pautou pela reclusão, com uma poeta portuguesa da segunda metade do século XX, herdeira já do modernismo e do experimentalismo das vanguardas e dialogante com a inovação dos seus pares, desde logo em *Poesia 61?*

Árduo ofício, como na dickinsoniana circunferência, seria estudar cada uma das poetas, porque elas merecem estudos autónomos – e estudá-las implica não somente ler-lhes e escutar-lhes as palavras, mas também entender-lhes os contextos e os tempos, riquíssimos em si mesmos. Mas ofício mais árduo é estudá-las em conjunto, entendendo-lhes, a partir do conceito de Modernidade, as semelhanças e as discrepâncias, as tonalidades de linguagem, os desvios sintácticos, os fios de solidão e de partilha, os pontos mais comuns de resistência e brilho. Aos dois ofícios responde exemplarmente Marinela Freitas, ao continuamente buscar um «conjunto de constantes e de variáveis relativamente às duas obras poéticas para reflectir sobre questões como a escrita de autoria

feminina e o olhar crítico relativamente a questões de diferença sexual, a possibilidade de integração do feminino no cânone e o posicionamento das autoras e da crítica especializada relativamente às noções de margem e centro, e de tradição e ruptura» (p. 25).

Grande parte das ferramentas teóricas escolhidas para trazer até nós Luiza Neto Jorge e Emily Dickinson – as dos estudos feministas e da teoria *queer* – são ainda escassamente usadas, sobretudo em Portugal. Dos estudos feministas, Marinela Freitas irá aplicar as lentes da diferença sexual e da sexualidade de forma a mostrar como, a partir delas, se pode reler a Modernidade e nela «descobrir profundas falhas na possibilidade de inclusão das mulheres escritoras na teorização literária» (p. 21), neste caso de Dickinson e Neto Jorge. Da teoria *queer*, irá ela aproveitar o conceito de *performance* para a compreensão «do funcionamento dos sujeitos textuais instáveis e intensivos criados na poesia de Dickinson e de Neto Jorge», e dos corpos «femininos», instáveis também, que o social enforma e a poesia de-forma ou dis-forma.

A eficácia hermenêutica e a dimensão pioneira deste livro devem muito à metodologia comparatista, que legitima o confronto improvável de duas poetisas esteticamente complementares mas diacronicamente opostas, já que, em Emily Dickinson, podemos surpreender uma visão prospectiva da Modernidade estética, enquanto em Luiza Neto Jorge é estruturante a visita retrospectiva dessa mesma tradição de escrita. Assente na recusa do essencialismo e no reconhecimento de que «a universalidade continua a ser performativamente impossível e profundamente intransitiva» (p. 380), como Marinela Freitas resume na conclusão, esta leitura relacional é determinante na argumentação desenvolvida, não apenas com respeito às autoras, mas também ao modo como entendemos as poéticas da Modernidade. No entanto, essa dimensão conjuntural não deve levar-nos a esquecer que, para cada uma das autoras em estudo, são propostas leituras novas e ainda um recorte rigorosíssimo das obras respectivas.

A atenção colocada na delimitação da obra de Luiza Neto Jorge permitiu a Marinela Freitas dar-nos uma perspectiva mais ampla da criatividade multimoda da poeta e mesmo disponibilizar informações preciosas para a compreensão da verdadeira dimensão de uma escrita que desenvolveu pontes criativas com as artes plásticas, com o teatro e com o cinema. Luiza Neto Jorge deixou-nos uma das obras mais originais, mais marcantes e mais intensas da poesia portuguesa do século XX. A sua escrita ao mesmo tempo delicada e contundente, sofisticada e alarmante, permanecerá como um desafio às

evidências e como um exemplo de resistência. Marinela Freitas dá-nos novos instrumentos para entendermos porquê.

No caso de Emily Dickinson, é a absoluta radicalidade de vida e obra que aqui são destacadas, a excepcionalidade da escrita de alguém que se entendia como «o único Canguru entre a Beleza», assim reduzindo a ideia de beleza a um espaço indefinido de conformação. Porque a poesia de Dickinson (e isso fica aqui demonstrado até na atenção dedicada à recepção que lhe foi próxima no tempo) só mais tarde seria devidamente avaliada e recebida. «Alguns Trabalham para a Imortalidade / A Maior parte, para o Tempo», escreveu Dickinson; mas disse também «A fama é uma abelha. / Tem uma canção – / Tem um ferrão – / Ah, tem também asa». Este livro é igualmente um testemunho, sobre Dickinson, da convivência das certezas e das ambiguidades, da insubordinação e dos desvios (a níveis vários) que compõem as suas várias faces humanas e poéticas.

Corpos que exibem faces, superfícies sobre as quais as palavras se vão construindo. Faces pertencentes a corpos, a um tempo «sitiados» e resistentes, que coabitam com *falas*, mais do que uma estável e consistente fala. É sobre *falas* também que aqui se fala e da possibilidade mesma de, a partir de uma tradição fortemente marcada por um discurso poético dominante, o masculino, as mulheres terem lugar a uma voz própria e a um espaço próprio de enunciação e de afirmação. Por isso talvez não surjam por acaso numa das epígrafes da introdução os versos de Luiza Neto Jorge «De mim direi o que deixarem / as falas que flutuam entre mim». Quem deixa o quê? Que lugares permutáveis ou performativos se jogam aqui? São as falas que deixam, ou permitem, conscientes dos seus próprios limites? As falas que se soltam e se dão? E é deixar sinónimo de permissão ou de herança aberta para o futuro? Qual o lugar para o sujeito? Mas que lugar, se ele é solúvel (lugar e sujeito)? Poder-se-ia dizer, pois, que é de falas flutuando entre si, como de faces olhando-se entre séculos e entre espaços, mesmo sem se terem realmente visto, que trata este livro. Mas também não importa que se não tenham visto nem conhecido, estas faces e estas falas.

Porque há algo mais largo e mais profundo a uni-las, que é a língua da poesia e ainda o *rosto*, mais do que a face. Porque se a face é a superfície, que instável se vai sempre revelando, o rosto conta da fisionomia, aquilo a que Dickinson se referia ao apontar a estratégia usada pela aranha, «cos[endo] na Noite / Sem qualquer Luz / Sobre um Arco de Branco». E se, por detrás das *faces*, estão os *rostos*, por detrás dos rostos estão, como Marinela Freitas bem demonstra aqui, outras

camadas: feitas de interiores vulcânicos, os de Emily Dickinson, feitos de domésticos Vesúvios, «crateras contempladas», que não estarão muito longe de um poético viver, como em Neto Jorge, «à beira do derrame / na cratera». O que é preciso é tentar desvendar essas camadas. É desse desvendamento – no deslumbramento que a poesia sempre traz – que nos fala este livro.

Estas são as condições, sem condição, para o exercício dos abismos em que se move a possibilidade.

Ana Luísa Amaral e Rosa Maria Martelo